



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## **Racismo e Cidades Africanas e Afro-Diaspóricas**

### **Sessão 2 - Rede de Pesquisa AFROARQ**

#### **RESUMO GERAL**

A presente proposta está conectada à sessão 1, apresentada pela Rede de Pesquisa AFROARQ que conecta vários/as docentes e investigadores/as brasileiros/as e africanos/as. O objetivo de nossa proposta é visibilizar as questões étnico-raciais nos os estudos africanos e afro-brasileiros nos campos da Arquitetura e do Urbanismo, destacando o legado civilizatório dos africanos e africanas no Brasil, ainda lacunar, na formação de arquitetos/as e urbanistas, na historiografia e teoria da arquitetura, no planejamento de cidades e projetos arquitetônicos. Busca tecer a relação da negritude com a edificação de arquiteturas, territórios e cidades no país, destacando os processos de segregação étnico-raciais na produção contemporânea das cidades africanas e brasileiras e a faceta racial do urbanismo na África e no Brasil. A sessão busca, ainda, dar visibilidade para outras abordagens epistemológicas para a compreensão as cidades latino americanas e destacar as formas de apropriação espaciais empreendidas pelos povos negros no continente africano e na diáspora.

Palavras-Chave: Racismo; Cidades; África; Brasil; Diáspora.

#### **Palestra 1 - CIDADES ANTIRRACISTAS: Racismo e Antirracismo nas Cidades Brasileiras**

O trabalho propõe uma reflexão sobre os processos de racialização das cidades brasileiras e as formas de resistência antirracistas das populações negras nos espaços urbanos. Nesse viés traça quatro caminhos investigativos de reflexão dos processos de racialização das cidades que se conectam e se retroalimentam. O primeiro busca delinear uma genealogia do estado racial brasileiro, da colônia a

contemporaneidade, com o controle da população negra na contenção e desmantelamento de revoltas escravas durante a escravidão no período colonial e imperial, o genocídio da população negra na primeira república com a política e ideologia do branqueamento, o epistemicídeo e etnicídeo da população negra do estado novo a ditadura com a construção e desenvolvimento do mito da democracia racial, e a política do encarceramento em massa, a necropolítica e a indústria cultural e turismo étnico no neoliberalismo. A segunda traça as formas históricas de re-existência antirracistas das populações negras nas cidades brasileiras através das diversas facetas dos movimentos negros de cunho social (Frente Negra Brasileira FNB, MNU, UNEGRO, CEN, CONAQ, Coalização Negra por Direitos), cultural (afoxés, blocos afro, maracatus, congadas, reisados, foguedos, capoeira, samba, hip hop, funk, etc...), religioso (templos religiosos de matrizes africanas, FENACAB, ACBANTU, AFA). O terceiro caminho se debruça sobre as lógicas, mecanismos e processos de racialização das cidades brasileiras, tentando problematizar a questão de como o racismo produz cidade, e ao mesmo tempo, como a cidade reproduz o racismo? Para tanto, tenta analisar como as engrenagens do Racismo à Brasileira composta pelo eufemismo de linguagem, o mito da democracia racial, o colorismo, a ideologia do branqueamento, e amolgamento em outros marcadores e categoriais sociais racializam as cidades brasileiras, como elas se projetam e compõem as cidades racializando-as. E, o quarto caminho busca entender as estratégias e táticas de re-existências contemporâneas das populações negras ao racismo nas cidades brasileiras em suas diversas dimensões (estrutural, institucional, ambiental, religioso, tecnológico, simbólico, recreativo, linguístico), que emergem da militância negra, na academia, instituições, no campo da arte, e movimentos negros sociais, culturais e religiosos que pautam uma agenda política antirracista urbana a partir dos seguintes pontos: o letramento racial dos movimentos sociais urbanos e o letramento urbano dos movimentos negros, a emergência de construção das ações afirmativas urbanas, problematização sobre a patrimonialização dos territórios e comunidades negras, a reflexão e inserção das questões étnico-raciais no planejamento urbano, a reflexão sobre a segregação étnico-racial nas cidades, a inserção da categoria analítica dos Bairros Negros no planejamento urbano, projetos urbanos, e habitação, o cruzamento entre o Estatuto das Cidades e o Estatuto da Igualdade Racial, elaboração de Planos Antirracistas para os Bairros Negros, a mobilização da narrativa do racismo em todas as suas manifestações nos conflitos urbanos e a luta pelo Direito à Cidade, o reconhecimento e preservação dos Quilombos Urbanos, e a reconstrução política da Frente Negra Brasileira.

Palavras-chave: Racismo; Cidade; Antirracismo.

## Referências

BRAGA, Julio S. **Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia**. Salvador: Ed. EDUFBA, 1995.

D'Adesky Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismo e Anti-Racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2009.

**ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL**. Lei 12.288, 20/07/2010.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

REIS, João J. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Renato Emerson (org). **Questões Urbanas e Racismo - Coleção Negras e Negros Pesquisas e Debates**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012, 400p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições, e Questões Raciais no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

## **Palestra 2 - Casas e quintais negros urbanos como quilombos contemporâneos**

Analisa as práticas afro-diaspóricas presentes nas casas e quintais negros urbanos do interior paulista. Desde a vigência do sistema escravista os povos negros buscaram diferentes maneiras para expressar suas crenças, saberes e manifestações culturais, como os batuques nos terreiros de café e as rezas nas senzalas. No pós-abolição a conquista da liberdade permitiu um incremento na mobilização de significativos contingentes rumo a outras regiões e também para a zona urbana, notadamente em áreas localizadas nas franjas da cidade, loteadas por proprietários de glebas de terra, que em sua maioria eram grandes fazendeiros de café. Nessas áreas que foram urbanizadas, os lotes disponibilizados ainda que amplos eram acessíveis para as classes menos favorecidas, possibilitando que negros e negras os adquirissem para a construção de moradias e congregassem em um único lote várias edificações e gerações de membros da família. Além das edificações, nesse chão de terra batida, foram e ainda são desempenhadas atividades de cunho cultural, religioso e de subsistência, onde, os mais velhos através da oralidade, transmitem para os mais novos, saberes e histórias de suas origens e resistências. Apesar das estratégias de criminalização empreendidas pelo Estado e pela sociedade civil, as famílias negras mantiveram preservadas suas práticas culturais e religiosas, principalmente nesses espaços, dentre elas, as danças, as canções, a capoeira e o candomblé. Ainda nos dias de hoje há o cultivo de árvores frutíferas, ervas de cura e proteção, hortaliças, alguns cereais e criação de porcos e galinhas, responsável por contribuir e, com muita frequência, garantir alimentação e sustento das famílias ali estabelecidas. Destaca, que foi em pesquisas de doutorado, pós-doutorado e orientações de iniciação científica sobre o pós-abolição no interior paulista, com o objetivo de desvendar o universo de mulheres e homens negros na luta pela liberdade e afirmação do direito à cidadania, que essas territorialidades se apresentam como lugares de preservação e resistência da cultura afro-brasileira, evidenciando similaridades com os quilombos urbanos e rurais brasileiros. Segundo Clóvis Moura (1993), os quilombos foram a maior representação material e simbólica da resistência negra no país e guardam uma série de similaridades com os quilombos africanos. Nesse contexto, a presente abordagem analisa as casas e quintais negros urbanos no interior paulista (Brasil), no período pós-abolição, considerando tais espacialidades, como territórios

aquilombados, destacando suas similaridades com os Kilombos e os Kraals africanos. Neste percurso, dialoga com autoras e autores como Angela Mingas (2011), Beatriz Nascimento (1985), Clóvis Moura (1993), Henrique Cunha Jr. (2019), Raquel Rolnik (1989) e José Tavares de Lira (1999), com vistas a mapear as trajetórias de homens e mulheres negros e suas relações identitárias com o espaço doméstico e a cidade – destacando suas crenças, práticas culturais e modos de viver na sociedade. Para tal, emprega as técnicas da história oral, além de levantamentos arquitetônicos, fotográficos e documentais, com o intuito de registrar essas espacialidades e seus processos de aquilombamento. Por fim, sugere o reconhecimento desses territórios como patrimônio cultural afro brasileiro e aponta o seu registro e divulgação como ferramentas essenciais para a sua preservação.

**Palavras-chave:** Quilombos; Casas e Quintais negros urbanos; Patrimônio cultural afro-brasileiro.

## Referências

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. **Quilombo: patrimônio histórico e cultural**. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 129, p. 158-167, 2012.

LIRA, José Tavares Correia de. **O urbanismo e o seu outro: raça, cultura e cidade no Brasil (1920-1945)**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, n. 1, p. 47, 1999.

MINGAS, Ângela Cristina Branco Lima. **Centro histórico da cidade de Luanda: história, caracterização e estratégias de intervenção para a salvaguarda**. Dissertação de Mestrado. 2011.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3ª edição. Editora Ática, 1993.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Afrodiáspora: Revista do mundo negro, ano 3, nº 6 e 7. Ipeafro, 1985.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, v. 17, p. 1-17, 1989.

## Palestra 3: Negros e negras na Cidade Negra

A formação da cidade de Salvador, Bahia, é constituída pela maior presença da diáspora africana no Atlântico. Como aponta Milton Santos (1985), como toda localidade, Salvador é resultado de um imenso movimento do mundo. Novamente com Santos (1959), Salvador surgiu no século 16 no contexto de relações globais de expansão política, marítima e territorial, ilustrando o aparecimento dos estados nacionais, cujas relações de produção eram embasadas pelo sistema mercantilista português. Neste movimento, Salvador foi composta por negros africanos e por seus descendentes, sob sistemáticos processos de desumanização, como parte do sistema mercantilista e escravista no qual o Brasil acarretou aproximadamente quatro milhões de pessoas escravizadas advindas do continente africano num período que durou quase quatro séculos. Apesar da cidade não ter sediado o maior

porto de desembarque de negros africanos no Brasil, a população da cidade de Salvador sempre foi majoritariamente negra. Desde o período escravista, ao passo que a cidade colonial europeia era planejada e modelada, outra cidade, a cidade negra também se formava. Se o espaço urbano oficial da cidade era fundado a partir das freguesias em torno da igreja matriz como divisão eclesiástica e administrativa, a ocupação das áreas periféricas da cidade é evidenciada aqui pela ocupação dos arrabaldes de Salvador, cercada de quilombos, de roças de pessoas libertas da escravidão e por terreiros de candomblé. Quilombos e terreiros de candomblé, os batuques, estavam situados em áreas distantes e escondidos em meio às matas, nas áreas periféricas das freguesias da cidade, nos vales e encostas, nas condições mais adversas. Costa (1989) aponta percursos que os escravizados, libertos e livres faziam na cidade, desbravando áreas não habitadas na cidade de Salvador. Os quilombos estabeleceram os primeiros assentamentos negros, como o Quilombo do Rio Vermelho (1620), Quilombo Buraco do Tatu (1744) em Itapuã, Quilombos dos Mares e Cabula (1807) e Quilombo do Urubu (1826) em Pirajá, que desapareceram enquanto quilombos, originando nucleamentos urbanos (Passos, 1996; Santos Neto, 1984; Siqueira, 2005), como também 05 áreas remanescentes de quilombos, resistindo na atualidade: Alto da Sereia, Calabar, Candeal, Curuzu, Ilha de Maré e Grande/Bananeira/Martelo (INCRA/BA, 2004 *apud* ANJOS, 2005). A cidade negra se consolidou pela instalação de milhares de terreiros de candomblé em Salvador: terreiros como produtores de espaço urbano (Dias, 2003); terreiros como nucleadores de bairros: “bairros desta cidade tiveram terreiros de candomblé como núcleo histórico de sua formação” (Oliveira, 2005); “nucleações formadas por antigos candomblés estariam na origem de diversos bairros de Salvador” (Gomes, 1990); “os candomblés derramavam-se por toda a cidade e pelos subúrbios” (Campos *apud* SANTOS, 2009). E ainda, com a imposição da cidade segregada, territórios negros permeados na cidade não negra. Assim, Salvador, cidade negra, é constituída por bairros negros a partir das cosmovisões e condições históricas do negro. Propõe-se dar visibilidade à temática, sendo necessário aprofundar estudos, análises, conceitos e metodologias apropriadas para visualizar a produção da cidade por essa perspectiva nos estudos urbanos e urbanísticos.

Palavras-chave: Salvador, cidade negra, bairros negros.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das comunidades quilombolas do Brasil: segunda configuração espacial**. Brasília-DF: Mapas Editora & Consultoria, 2005.

COSTA, Ana de Lourdes R. da EKABÓ! **Trabalho escravo - condições de moradia e reordenamento urbano de Salvador no século XIX**. Mestrado de Arquitetura e Urbanismo. Salvador: MAU/FAUFBA, 1989.

DIAS, Jussara Cristina Rego. **Territórios do Candomblé: A Desterritorialização dos Terreiros na Região Metropolitana de Salvador**. Dissertação de Mestrado em Geociências - UFBA. Salvador, 2003.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **Escravidão e Cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX**. Revista de Urbanismo e Arquitetura (RUA), Vol. 3, Nº 1. 1990. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1352> Acesso em: 09 dez. 2012.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Feitiço de Oxum: Um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Salvador: PPGCS/UFBA, 2005.

PASSOS, Walter de Oliveira. **Bahia: Terra de Quilombos**. Salvador: 1996. Disponível em: <http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/13/BAHIA-Terra-de-Quilombos-por-Walter-de-Oliveira-Passos> Acesso em: 09 fev. 2012.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana**. Salvador (BA): Universidade da Bahia, 1959.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Geografia Religiosa Afro-baiana no Século XIX**. Revista VeraCidade - Ano IV - Nº 5. Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.antropologia.ufba.br/wp-content/uploads/2012/07/Geografia-Religiosa-Afrobaiana-no-S%C3%A9culo-XIX.pdf> Acesso em: 14 nov. 2012.

SANTOS NETO, Manoel Antônio. **Os Quilombos de Salvador**. Coleção Princípios. Ed. Anita Garibaldi: Edição 8, Maio, 1984, p. 53-58. Disponível em: [http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_50\\_92.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_50_92.pdf) Acesso em: 07 set. 2012.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares**. 2005. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf> Acesso em: 18 mar. 2012.

#### **Palestra 4: Outras Epistemologias Possíveis para estudo das Relações Étnicas e Raciais nas Cidades Latino-Americanas**

Os instrumentos mobilizados para a construção disciplinar e estudo das relações sócio espaciais entre os pesquisadores da área de planejamento urbano e regional tem valorizado muito as epistemologias ocidentais nos estudos de espaços na América Latina. A exclusão de outras epistemologias, não apenas nega a diversidade cultural que constitui a complexa relação social nas suas cidades, mas também nega o entendimento destes espaços como resultado dessa complexa relação histórica e cultural. Como se podem formular questões para o entendimento dos sujeitos cujos corpos habitam espaços concebidos pelas epistemologias do colonizador? Apenas as epistemologias ocidentais seriam suficientes para construção dos métodos de pesquisa e disciplinas que buscam refletir e/ou responder as perguntas acerca dos corpos racializados como não brancos? O que podemos destacar nas nossas cidades ao estudá-las desde uma perspectiva que considera como centralidade o continente africano? Este trabalho propõe que as disciplinas dos cursos de Arquitetura e Urbanismo – mais especificamente, as disciplinas de História das Cidades e de planejamento urbano e regional – problematizem conceitos e categorias de análise para a construção do conhecimento que nos permitam uma aproximação mais profunda das realidades históricas e culturais que constituem as nossas cidades a partir de suas heranças africanas. Para tanto, consideramos as questões que resultaram das relações étnica e racial, os

elementos fundamentais para compreensão dos processos de formação das sociedades colonizadas, com sérias implicações na produção social do espaço urbano e da paisagem, assim como da produção da arquitetura e da preservação patrimonial. Por este motivo buscamos questionar de que maneira podemos pensar a história das cidades latino-americanas em diálogo com a experiência social e com a história de países africanos. A partir do conceito de afrocentricidade (ASANTE, 2014) percebi a urgência em buscar leituras que proporcionem a construção do conhecimento com profundidade mítica constituinte dos espaços afrocentrados, entendendo o corpo preto como enunciador de discurso. A cultura diaspórica é gestada nestes territórios cotidianamente por meio das estratégias de sobrevivência construídas historicamente, em um ritual sistemático de reafirmação da vida. Os padrões simbólicos e materiais construídos pelo Ocidente levam, muitas vezes, a crenças de invalidez acerca do conhecimento produzido pelos povos e culturas não brancos, suas filosofias e modos de vida. O pensamento afrocêntrico convida a incorporar a ética e as filosofias ancestrais aos estudos sobre a cidade e sobre a arquitetura. Buscamos, portanto, este compromisso de deslocamento do corpo africano racializado como preto e/ou negro, considerado no período escravocrata como objeto, para o lugar de sujeito/a. Isto é, trata-se de indagar o que pensam, dizem e fazem os/as africanos/as em diáspora, no que se refere a sua própria história. Sob esta perspectiva, é basilar que os critérios acadêmicos sejam readequados para acolher outras epistemologias possíveis para o estudo de cidades e dos sentidos dos corpos que (re)produzem este espaço.

Palavras-chave: História das cidades; Afrocentricidade; África.

## Referências

ASANTE, Molefi Kete. (1980). **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. Trad. Ana Monteiro Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.